

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO
DIÁRIOS VOLUME 2
DA 1997-1998
PRESIDÊNCIA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Fernando Henrique Cardoso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

FOTO DE CAPA E PÁGINA 2

Marcel Gautherot/ Acervo Instituto Moreira Salles

DIAGRAMAÇÃO

Adriana Moreno

NOTAS E CHECAGEM

Érico Melo

PREPARAÇÃO

Ciça Caropreso

ÍNDICE REMISSIVO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cardoso, Fernando Henrique
Diários da presidência, 1997-1998 / Fernando Henrique
Cardoso. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia
ISBN 978-85-359-2721-4

1. Brasil — Políticas e governo — 1997-1998. 2. Brasil —
Presidentes — Biografia 3. Cardoso, Fernando Henrique,
1931 - I. Título.

16-02480

CDD-923.181

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Presidentes : Biografia

923.181

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Apresentação | 11

Lista de siglas | 19

1997

2 A 16 DE JANEIRO DE 1997

Curtas férias. Negociações para a eleição das mesas do Congresso. Convenção do PMDB sobre a emenda da reeleição | 29

18 A 26 DE JANEIRO DE 1997

Tensão no Congresso. Viagem a Pernambuco | 54

27 A 31 DE JANEIRO DE 1997

Votação da emenda da reeleição na Câmara | 72

5 DE FEVEREIRO DE 1997

Vitória de ACM e Temer à presidência do Senado e da Câmara. Aprovação da emenda da reeleição em primeiro turno | 80

17 DE FEVEREIRO DE 1997

Viagem à Inglaterra e à Itália | 89

18 A 27 DE FEVEREIRO DE 1997

Polêmica com o Supremo. Aprovação em segundo turno da emenda da reeleição. Desavenças na base aliada | 99

2 A 7 DE MARÇO DE 1997

Escolha de Aécio Neves para líder do PSDB na Câmara. Reflexão sobre o PT | 112

9 A 14 DE MARÇO DE 1997

Visitas de Jacques Chirac e do chanceler cubano. Visita ao ABC Paulista. Encontros com sindicalistas | 118

17 a 29 de março DE 1997

Jantar com o presidente do Banco Mundial. Intervenção federal no Bamerindus. Viagens ao Rio de Janeiro e ao Nordeste | 124

1º A 8 DE ABRIL DE 1997

Reforma administrativa: negociações difíceis. Reunião com Itamar Franco. Desentendimentos com Sérgio Motta | 141

10 A 17 DE ABRIL DE 1997

Reuniões com empresários. Viagem a Roraima e ao Amazonas. Marcha do MST | 152

- 19 A 29 DE ABRIL DE 1997**
Visita de José María Aznar. Reunião com o MST. Viagem ao Canadá | 162
- 3 A 13 DE MAIO DE 1997**
Privatização da Vale do Rio Doce. Denúncia da compra de votos | 175
- 14 A 22 DE MAIO DE 1997**
*Ainda o escândalo da compra de votos. III Reunião das Américas.
Iris Rezende e Eliseu Padilha entram para o ministério | 190*
- 24 A 31 DE MAIO DE 1997**
*Repercussões da entrada do PMDB no ministério. Crise em Alagoas.
Reunião da Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional | 208*
- 2 A 15 DE JUNHO DE 1997**
*Visita dos imperadores do Japão. Aprovação final da PEC da reeleição.
Possíveis alterações na comunicação do governo | 218*
- 16 A 25 DE JUNHO DE 1997**
*Encontro com Maluf. Greve da PM. Viagem aos EUA para
a Assembleia Geral da ONU | 230*
- 28 DE JUNHO A 16 DE JULHO DE 1997**
*Discussões sobre sucessão no BC. “Consenso de Brasília.”
Telecomunicações: leilões da “Banda B” e aprovação da Lei Geral | 242*
- 18 A 31 DE JULHO DE 1997**
*Votação da prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal.
Troteio e troca de governo em Alagoas.
Grave desgaste com Sérgio Motta | 259*
- 1º A 17 DE AGOSTO DE 1997**
*Gustavo Franco assume a presidência do BC. Viagem à Bahia.
Privatização das elétricas: primeiras conversas | 279*
- 18 A 29 DE AGOSTO DE 1997**
*Viagem ao Paraguai. Mercosul e Alca.
Crise no Conselho Federal de Educação | 291*
- 8 A 12 DE SETEMBRO DE 1997**
*Rugas com Sarney. Desgaste com Ciro Gomes.
Parceria entre Petrobras e Odebrecht no polo petroquímico de Paulínia | 305*
- 14 A 30 DE SETEMBRO DE 1997**
*Desgaste com Mário Covas e problemas internos do PSDB.
Reuniões com Itamar e Arraes. Resistências à parceria Petrobras-Odebrecht | 321*
- 2 A 13 DE OUTUBRO DE 1997**
*Viagem ao Chile. Visita do papa.
Preparativos da visita de Clinton ao Brasil | 340*
- 14 A 30 DE OUTUBRO DE 1997**
*Visita do presidente norte-americano. Ciro Gomes lança sua
pré-candidatura à Presidência. Início da crise asiática | 354*

3 A 14 DE NOVEMBRO DE 1997

Agravamento da crise asiática.

Viagem à Colômbia e à Venezuela.

Pacote econômico | 372

15 A 30 DE NOVEMBRO DE 1997

Ainda a crise asiática. Vitória na reforma administrativa.

Viagem à Guiana Francesa | 391

7 A 12 DE DEZEMBRO DE 1997

Viagem à Inglaterra. Negociações do Protocolo de Quioto.

Vitória na reforma da Previdência | 413

15 A 31 DE DEZEMBRO DE 1997

Cúpula do Mercosul. Disputas no PSDB paulista.

Férias na Marambaia | 427

1998

1º A 10 DE JANEIRO DE 1998

Leituras e reminiscências. Conversa com José Serra.

Reunião sobre o câmbio | 443

11 A 24 DE JANEIRO DE 1998

Visita do premiê canadense. Encontro com Mário Covas.

Almoço com Sarney | 459

27 DE JANEIRO A DE 4 DE FEVEREIRO DE 1998

Reflexões sobre o governo. Viagem à Suíça.

Disputas internas no PMDB e no PFL | 471

6 A 24 DE FEVEREIRO DE 1998

Almoço com Itamar. Vitórias na reforma da Previdência.

Viagens ao Nordeste | 484

25 DE FEVEREIRO A 6 DE MARÇO DE 1998

Carnaval em Ibiúna. Conversa com ACM.

Visita do primeiro-ministro da Itália | 497

8 A 20 DE MARÇO DE 1998

Convenção do PMDB. Rompimento com Itamar.

Negociações com José Serra para seu retorno ao governo | 505

23 A 31 DE MARÇO DE 1998

Serra no Ministério da Saúde. Sanção da Lei Pelé.

Viagens a Minas e São Paulo | 517

2 A 20 DE ABRIL DE 1998

A reformulação do ministério. Morte de Sérgio Motta.

Segunda Cúpula das Américas | 529

23 DE ABRIL A 4 DE MAIO DE 1998

Morte de Luís Eduardo Magalhães. Crise no PMDB.

Seca e saques no Nordeste | 554

9 A 15 DE MAIO DE 1998

Votações finais das reformas administrativa e da Previdência.

Viagem à Bahia. Negociações de paz entre Peru e Equador | 568

18 A 25 DE MAIO DE 1998

Viagem a Espanha, Suíça e Portugal.

Prelúdio da campanha eleitoral | 581

28 DE MAIO A 5 DE JUNHO DE 1998

Mais negociações de paz. Lula sobe nas pesquisas.

Conversas com empresários de mídia | 592

7 A 18 DE JUNHO DE 1998

Viagem aos Estados Unidos. Reunião na ONU. Copa do Mundo.

Formação da equipe de campanha | 603

19 DE JUNHO A 2 DE JULHO DE 1998

Ainda o PMDB. Convenções dos partidos aliados. Alianças estaduais.

Greve nas universidades. Prorrogação da CPMF | 617

3 A 15 DE JULHO DE 1998

Início da campanha. Fernando Henrique volta a subir nas pesquisas.

Visita de Kofi Annan | 633

17 DE JULHO A 3 DE AGOSTO DE 1998

Primeiro comício da campanha. Visita de Nelson Mandela.

Cúpula do Mercosul Privatização da Telebrás | 648

3 A 21 DE AGOSTO DE 1998

Comícios e reuniões de campanha. Vantagem nas pesquisas.

Viagem ao Paraguai. Crise na Rússia | 662

23 DE AGOSTO A 1º DE SETEMBRO DE 1998

Viagens à Bahia, ao Paraná e ao Rio de Janeiro.

Agrava-se a crise russa | 675

4 A 10 DE SETEMBRO DE 1998

Programa de governo. Fuga de dólares. Visita de Fidel Castro.

Ministério da Saúde | 686

11 A 20 DE SETEMBRO DE 1998

Pânico e instabilidade nos mercados. Aumento dos juros.

Conversas com Clinton e o FMI. Bastidores da privatização da Telebrás | 695

23 A 29 DE SETEMBRO DE 1998

Discurso sobre a crise. Reta final da campanha. Câmbio e déficit | 707

3 A 9 DE OUTUBRO DE 1998

Reeleição no primeiro turno. Negociações com o FMI.

Ajuste fiscal em preparo | 714

- 11 A 24 DE OUTUBRO DE 1998**
Descanso na Bahia. Disputas políticas nos estados.
Cúpula Ibero-Americana em Portugal | 725
- 26 DE OUTUBRO A 8 DE NOVEMBRO DE 1998**
Segundo turno nos estados. Equador e Peru assinam a paz.
Programa de Estabilização Fiscal | 738
- 10 A 22 DE NOVEMBRO DE 1998**
Grampos do BNDES e dossiê Cayman.
Os irmãos Mendonça de Barros e André Lara Resende se demitem | 753
- 26 DE NOVEMBRO A 3 DE DEZEMBRO DE 1998**
Visita do premiê holandês. Formulação do novo ministério.
Derrota na votação do ajuste fiscal | 768
- 5 A 12 DE DEZEMBRO DE 1998**
Ainda os grampos do BNDES. Reunião do Mercosul no Rio.
Encontro com Lula | 782
- 14 A 20 DE DEZEMBRO DE 1998**
Formação do ministério. Visita de Hugo Chávez.
Dificuldades com Eduardo Jorge | 793
- 21 DE DEZEMBRO DE 1998 A 1º DE JANEIRO DE 1999**
Mais discussões sobre o futuro ministério.
Gustavo Franco, demissionário.
Preparativos para a posse do segundo mandato | 803
- Índice remissivo | 825*
Sobre o autor | 869

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO
DIÁRIOS
DA 1997
PRESIDÊNCIA

2 A 16 DE JANEIRO DE 1997

Curtas férias. Negociações para a eleição das mesas do Congresso. Convenção do PMDB sobre a emenda da reeleição

Hoje é quinta-feira, dia 2 de janeiro de 1997. Ainda estamos em Fernando de Noronha,* dias extraordinariamente agradáveis, muito banho de mar. Até mergulhar, mergulhamos. Peixes incríveis, uns filhotes de tubarão, barracudas. Alguém do nosso barco pescou uma barracuda. A imprensa foi tranquila, deixou que houvesse momentos de grande isolamento, a população da ilha é muito voltada para si mesma, muitos turistas, fotografias por todos os lados, muito amáveis, recebi-os com uma comissão de um movimento popular de Fernando de Noronha, outra do Conselho [Distrital] da ilha, mais o administrador. Reclamam que com a passagem da ilha para o governo estadual houve perda de benefícios, disseram que o governo federal tinha mais “prestança”. Claro, naquela época o governador era o Fernando César Mesquita, amigo do [José] Sarney, que, ao que parece, fez bastante coisa aqui. A casa é admirável, embora ventosa à noite, faz muito barulho, portas e janelas que batem, fica num promontório, uma vista deslumbrante.

Ontem, recebi a visita do comandante de um caça-minas sueco,** que está aqui com 140 homens, me convidou para almoçar, eu não fui, mas pedi que viessem aqui, me trouxeram presentes, muito simpáticos todos, rapazinhos jovens, muito loirinhos, muito brancos, baratas descascadas, não sei com que aspecto vão sair desta ilha.

Os jornais dizem que a minha popularidade aumentou muito nas pesquisas. Até a *Folha* diz isso, uma coisa impressionante. No SBT, que eu vi, só gente contra. Falou o Lula, falou o Zé Dirceu, falou o d. Paulo [Evaristo Arns], falou o [João Pedro] Stédile, parecia um desfile de gente de oposição ao governo.

O Stédile dizendo que se até eu posso comprar terra,** por que não podem os que não têm? Ouvi falar que não há mais pessoas querendo terra, que estão recrutando nas vilas, diz ele que recruta porque são boias-frias, enfim, o de sempre. Disse que o governo não faz porque não quer, no fim admitiu que o “sociólogo Fernando Henrique gostaria de fazer a reforma agrária, mas o governo não”, essa

* O presidente e família chegaram ao arquipélago em 27 de dezembro de 1996 para as férias de Ano-Novo.

** HSWMS *Karlskrona*, fragata caça-minas convertida em navio-escola.

*** Alusão à fazenda Córrego da Ponte, em Buritis (MG), adquirida por Fernando Henrique em sociedade com Sérgio Motta no final dos anos 1980.

demagogia já meio desgastada. Reconheceu que recebe dinheiro da União Europeia, eu não sabia.

A União Europeia, em vez de baixar as tarifas agrícolas, porque aí sim ajudaria muito o campo brasileiro, fica pagando advogados para o Movimento Sem Terra. Tudo bem. Pode até ser uma função útil, mas é um pouco desfaçatez desses europeus. Assim como os belgas que [deram] o prêmio Rainha Fabiola* ao MST... Mas enfim, isso faz parte; no fundo, mudança social é assim mesmo, o MST faz parte desse grande processo de mudança pelo qual o Brasil está passando, entendo até os exageros deles porque, se não fizerem isso, é provável que nada se mova. Ou pelo menos que não se mova com a velocidade necessária.

Falei pelo telefone com o Clóvis [Carvalho] e com o Paulo, com a Luciana, tudo bem no âmbito familiar.

HOJE É DIA 3 DE JANEIRO, já de volta ao batente em Brasília. Ontem despachei muito rapidamente no Palácio da Alvorada. Hoje de manhã o Clóvis veio aqui, assinei alguns decretos e algumas leis, fui ao Planalto à tarde para gravar o programa,** Brasília continua bastante parada.

O Luís Eduardo [Magalhães] conversou comigo pelo telefone ontem, ele volta no domingo para discutirmos as questões em pauta.

Conversei também pelo telefone com o Sérgio Motta, conversei com o Artur da Távola, que é sempre sensato, opiniões corretas, ele é favorável ao plebiscito. Eu tenho dito que para mim plebiscito é cesarismo. Se o Congresso aprovar [com um referendun], não acontece nada de extraordinário e a gente ganha.

[Paulo] Maluf foi operado, dizem que de câncer da próstata. Ontem foi enviado um telegrama a ele por seu restabelecimento e um bom 1997. Hoje parece que ele falou com toda a imprensa pelo telefone. Os médicos dizem que ele deve ficar um mês de molho. Não vai ficar nem vai desistir de nada, a operação deve ter sido bem-feita, espero que realmente tenha sucesso. A cirurgia, é claro, não a empreitada dele contra o governo.

Continuamos na corda bamba por causa das eleições na Câmara e no Senado.*** Eleições difíceis para mim porque todos querem meu apoio, e quem eu apoiar provavelmente ganha, só que sempre desagrada metade da Casa. É uma ginástica difícil.

* Prêmio atribuído pela Fundação Rei Balduino a pessoas ou organizações que se destacam em ações para o desenvolvimento econômico e social de países em desenvolvimento.

** *Palavra do Presidente*, transmitido semanalmente pela Radiobrás, estatal federal de comunicação que antecedeu a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

*** Eleições dos presidentes e membros das mesas das duas Casas, marcadas para o início do ano legislativo, em fevereiro.

HOJE É SÁBADO, DIA 4, pouco mais de meio-dia, meio-dia e trinta. Espero um fim de semana calmo. Estou relendo o livro do [Roger] Bastide, *Le Candomblé de Bahia*, que vai ser publicado na França em uma nova edição. Leio com muito prazer porque me recordo, para começar, do próprio Bastide, do tempo em que eu estudava com ele, do tempo que fui seu assistente, dos tempos em que fizemos pesquisas. Fiz pesquisa sobre umbanda junto com a Ruth, em São Paulo e Araraquara, depois sobre candomblé em Santa Catarina, no continente, perto de Florianópolis, em São José, também em Porto Alegre. Li toda a literatura a que o Bastide faz referência no prefácio, já tinha até me esquecido dela.

O prefácio do Bastide é perfeito, uma obra-prima. Bastide era muito maior do que nós, como seus estudantes, e depois eu, como seu assistente, imaginávamos. Até porque havia aquela pendência permanente na universidade, briga de cadeiras.* Embora o Florestan [Fernandes] fosse assistente do Bastide, na prática o Florestan queria que ele fosse embora para substituí-lo, e criou um clima meio tenso. Mas, esquecendo esse dado mais desagradável, recordo com satisfação dos tempos em que Gilda de Mello e Souza era assistente do Bastide, Maria Isaura Pereira de Queiroz, e eu também. Na verdade assistente mesmo era a Gilda e importante mesmo era a Maria Isaura, mais do que eu, que era um mero auxiliar de ensino do Bastide. Mas fizemos muita pesquisa juntos, escrevi muitos textos para ele corrigir e também fui buscar muitas datas e muita precisão de informação para os artigos dele. Ele publicou, na França, uma análise muito generosa do meu livro sobre escravidão no Rio Grande do Sul.** Nunca mais a reli, mas a tenho guardada por aí.

Este foi o lado mais aprazível do fim de semana, me dedicar a um pouquinho de etnologia, coisa que nunca foi meu forte.

Vamos lá. Os jornais, no equívoco de sempre, se preparando para transformar a questão da reeleição numa batalha difícilima. Na verdade nem sei se será tanto, estou decidido a não me envolver até certo limite no assunto, mesmo porque, como já deixei registrado, estou chegando à conclusão de que quatro anos... *ça suffit largement!* É muito chato ficar tanto tempo neste isolamento; agora estou aqui sozinho neste palácio enorme com a minha neta Isabel, que está dormindo, e com a empregada. Luciana só vem mais tarde.

Estou esperando para o almoço a Ana Tavares e a Sílvia Lauandos,** que faz aniversário hoje, para que eu não precise ir jantar na casa dela à noite. Não quero estar em festinhas aqui em Brasília, e para ela não ficar zangada convidei-a para almoçar aqui. Ela é uma pessoa que conheço há muitos anos, sempre foi dedicada, devo certa atenção a ela.

* O sociólogo e antropólogo francês lecionou na Universidade de São Paulo de 1938 a 1984.

** *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul* (tese de doutorado defendida na USP em 1961 e publicada em 1962).

*** Ex-assessora de Fernando Henrique no Senado.

Na imprensa se discute a doença do Maluf com detalhes absolutamente dispensáveis, sem notarem nada da capacidade de luta dele, que é imensa, inclusive na tentativa desesperada que ele vai fazer de insuflar o Delfim [Netto], que está no auge do deboche, para ver se podem voltar a ter importância no Brasil. Pobre Brasil.

O Lula, com seu PT se esfacelando, com o caso do [Cândido] Vacarezza,* que danifica qualquer partido, mas no PT é gravíssimo que o secretário-geral do partido receba dinheiro público. Gastaram com o partido, isso desmoraliza o PT, eles continuam sem rumo, e o que se chama de “oposição mais consistente” é essa pretensão puramente pessoal do Maluf de vir para o governo. Para fazer o quê? Sei lá! Certamente com mais espalhafato e menos competência do que nós somos capazes de fazer e com muito mais reacionarismo. Apesar de toda a crítica da esquerda, o nosso governo é um governo democrático e progressista em todos os terrenos.

Estou fazendo esses comentários apenas porque o dia está chuvoso e parei um pouquinho de ler, mas vou retornar ao Roger Bastide, que é muito mais construtivo, ameno e divertido do que a incessante intrigalhada que no Brasil se pensa ser a grande política.

A Luciana veio para buscar a Isabel, conversei com ela, falamos um pouco sobre a Ruth, que está em São Paulo numa reunião com o pessoal do Conselho da Comunidade Solidária.** Ruth enfrenta os problemas de sempre, ela não sabe muito bem onde pôr os seus esforços, se queixa de que eu não dou o apoio necessário ao Comunidade Solidária nem a ela. Na verdade é um problema difícil, porque o Comunidade não é do governo, e ao mesmo tempo está sentado perto do governo. Há sempre muitas dificuldades nessa matéria, fora as outras que também existem, de que a burocracia reage e de que alguns setores, até do Palácio, têm ciúme do programa.

No fundo a Ruth está preocupada é com a definição mais profunda da relação dela comigo e com o país. Conversei com a Luciana, que é sempre atilada e estranha, porque parece ausente, mas acompanha tudo, sabe tudo.

Telefonei para o [Pedro] Malan para falar da questão relativa ao ministro da Saúde,** que quer participar das decisões sobre a regulamentação da CPMF. Malan disse que vai falar com ele, mas que já sabe que o Tesouro não pode ser prejudicado, no que eu concordo.

Falei pelo telefone com a Roseana Sarney. Falei com o governador interino de Minas, o [Agostinho] Patrus, depois com o Marcelo Alencar, estes dois últimos por

* Vacarezza era funcionário comissionado da presidência da Câmara Municipal de São Paulo, mas recebia sem trabalhar.

** Programa de combate à pobreza criado em 1995 e presidido pela primeira-dama, Ruth Cardoso.

*** Carlos César Albuquerque, empossado em dezembro de 1996 em substituição a Adib Jatene.

causa das enchentes* e, no caso do Marcelo, também para desejar um bom ano e que tudo corra bem na sua operação de catarata. Eu lhe disse que já fiz essa cirurgia e que ela é simples.

Recebi um telefonema simpático da Daniela Mercury, aquela cantora da Bahia, para felicitar pelo novo ano a mim e a Ruth, muito agradável.

Devo ter falado com mais outras pessoas, mas passei o dia lendo. Além do Bastide, quase terminei o livro sobre o Getúlio que foi feito pelo Eduardo [Mascarenhas],** psicanalista e ex-marido da Ana,*** minha nora. Ele é uma pessoa interessante, está doente, me parece, teve um câncer, mas tem vitalidade, queria ser líder do PSDB na Câmara, já me disse isso.

Eduardo escreveu um livro que, na parte histórica, digamos, para quem conhece bem os fatos da época como eu e os seus autores, talvez não tenha nada de novo, mas que do ponto de vista de um olhar não completamente voltado para a história é interessante. Sobre tudo a parte pessoal do Getúlio, a parte final, que é o Getúlio avô, a solidão dele e ao mesmo tempo suas escapadas amorosas num Brasil tão diferente do Brasil de hoje, que é muito mais formal, muito mais organizado, controlador, com uma imprensa mais ativa. Qualquer coisa semelhante ao que o Getúlio fazia na época seria inconcebível nos dias de hoje.

Fiquei o dia aqui sozinho, ouvindo uma gravação que o Paulo Henrique fez pela CSN da Dalva [de Oliveira], que é uma cantora popular muito boa. Ouvi também uma cantora portuguesa, Eugénia Melo e Castro, a Ruth não gosta como ela canta o Vinicius, mas eu gosto, um modo esquisito de cantar.

O dia continuou chuvoso, triste, falei com o Malan, que me deu a ideia de sair para jantar com ele, a filha**** e a Catarina [Malan]. Depois tive preguiça, não sei se vale a pena o presidente da República sair com todo esse aparato bélico e desnecessário, Brasília está vazia, não tem ninguém. Até fiquei com vontade de dizer ao Malan: vou aí jantar com vocês, mas aí vem o tema de sempre de quem está nos governos. Existe mesmo a solidão do poder. É complicado estar relacionado com quem quer que seja. Sinto, de vez em quando, não só que há solidão, mas que a gente precisa dela para pensar, para resolver questões, quem sabe até para acomodar o espírito. É uma sensação algo estranha essa da solidão. Porque ao mesmo tempo que é um estranhamento, uma falta de relação, também é satisfatória, pelo menos para mim.

Nunca pensei nesses termos, mas há uma dimensão nessa solidão que, eu até diria a palavra gaullista, que é de grandeza, porque se a pessoa não for capaz de

* As regiões sul e central de Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro sofreram com desabamentos e enchentes causados pelas chuvas torrenciais que caíram desde o final de 1996.

** *Brasil: De Vargas a Fernando Henrique: Conflito de paradigmas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

*** Ana Lúcia Magalhães Pinto, casada com Paulo Henrique Cardoso.

**** Cecília Malan.

ficar só, se não for capaz de aguentar por longos períodos a conversa interior sem transmitir nada (eu já sou muito assim, eu transmito muito pouco o que sinto), se não for capaz disso, não consegue governar. É engolfado pelas intrigas, pelos problemas, pelas dificuldades do dia a dia. Eu não tinha certeza que existisse essa dimensão em mim. Isso até me compraz.

A Luciana, que é observadora, perguntou quando a Ruth voltava. Eu respondi que amanhã à noite. Ela disse: “Pensei que você fosse poder passar tranquilão o fim de semana todo, como você gosta”. Não é bem como eu gosto sempre, mas de vez em quando é.

Enfim, está quase tudo parado às vésperas do que os jornais pensam que é uma grande batalha, a da reeleição. Pode ser até que eu perca, e a esta altura não sei se quero ganhar ou perder, mas tem uma coisa: se a reeleição não passar eu perderei muita força política. Repito o que disse: a perspectiva de mais seis anos é muito tempo, do ponto de vista pessoal é muito grande o sacrifício, mesmo para quem tem certa noção da História, como eu, e gosta de ter um papel nela.

NESSE MEIO-TEMPO, O Nelson Jobim falou comigo pelo telefone, eu telefonei, ele me ligou de volta e vai jantar comigo. São nove horas da noite.

Efetivamente o Nelson esteve aqui. Agora, meia-noite e trinta. Conversamos longamente. Sugeri a ele que se o [Sepúlveda] Pertence saísse do Supremo, como parece que vai sair, seria boa a indicação do Celso Lafer. Ele achou a ideia excelente. Eu digo: “Então cala a boca, porque nem o Celso sabe nem ninguém”. Conversamos muito, Jobim fez um resumo da situação da Polícia [Federal], da situação do Ministério da Justiça. Na Polícia o trabalho feito foi realmente extraordinário. Ele disse que o [Vicente] Chelotti, que é o diretor da Polícia, botou ordem na casa, nunca mais tivemos problemas. Tiramos a Polícia Federal do noticiário policial.* Isso é formidável. O Jobim fez um bom trabalho. Eu não tenho dúvidas quanto a isso. Discutimos o que fazer com o Zé Gregori.

O Zé gostaria de ser ministro da Justiça, mas não há condições, porque o cargo vai ser disputado pelos partidos. Quem sabe secretário de assuntos de direitos humanos? Mesmo assim é preciso saber de que maneira se coloca essa questão. O Jobim gosta muito do [Milton] Seligman, eu também, ele é eficaz, tem sido um bom secretário executivo. Agora isso vai depender de como os partidos vão ver essa questão do Ministério da Justiça.

* No final de 1995, descobriu-se que agentes e delegados da Polícia Federal estavam envolvidos nos grampos do caso Sivam. O escândalo provocou a queda do chefe do Cerimonial da Presidência, embaixador Júlio César Gomes dos Santos, e do presidente do Inbra, Francisco Graziano.

HOJE É DOMINGO, 5 DE JANEIRO, são quatro horas da tarde. Eu dizia ontem, antes de dormir, que se o Antônio Carlos for eleito presidente do Senado é possível que tenha que haver uma compensação para o PMDB. Não sei se o PMDB vai querer o Ministério da Justiça. Alguns podem vir a ser ministros, o Aloysio, por exemplo. O Aloysio Nunes Ferreira pode ter condições de ser ministro da Justiça. Outros também. Os calos para o PMDB vão ser o Ministério da Justiça e o Ministério dos Transportes. Há a questão delicadíssima do Iris [Rezende].

Eu ainda não tenho segurança sobre quem ganha as eleições no Senado. Embora eu leia nos jornais que estou apoiando o Antônio Carlos, na verdade o Sérgio Motta e o Tasso [Jereissati] é que estão. É claro, eles falaram comigo, mas não estou forçando a candidatura do Antônio Carlos porque acho que não cabe. Acho que ela não tem efeito positivo. Mesmo que eu quisesse forçar, imaginemos o contrário, colocando o Iris, isso não seria assim tão fácil. Com o voto secreto há um risco enorme de o Antônio Carlos não ganhar as eleições, porque sempre haverá pessoas com restrições a ele, por ele ser quem é e como é. O estilo do Antônio Carlos às vezes atropela os sentimentos dos senadores.

Vamos ver isso com calma. Vai haver um debate longo este mês, vou ter que ficar na corda bamba para ver o que acontece na Câmara e no Senado.

Hoje o Malan vem às quatro horas, mais tarde deve vir o Sérgio Motta, a Ruth chega às nove da noite, vinda de São Paulo. Passei o dia lendo de novo o Bastide. A descrição que ele faz do ritual de iniciação no candomblé da Bahia é admirável, e sempre há um contraponto com Durkheim, com uma visão institucionalizada, “sociologizante”, que não é a do Bastide. O Bastide faz uma fusão das representações, das crenças, com a estrutura da sociedade, ele nunca faz a morfologia social isoladamente, é muito interessante.

Terminei de ler, *à vol d’oiseau*, o livro do Eduardo Mascarenhas sobre o Getúlio, e fiquei ouvindo música, Dalva de Oliveira, que eu estava ouvindo ontem, e os boletos da Nana Caymmi. Até agora um dia tranquilo, não falei com ninguém, só agora pelo telefone com o Malan.

HOJE É DIA 7 DE JANEIRO, terça-feira. Interrompi para atender um telefonema do Sérgio Motta, que está vindo da casa do Antônio Carlos Magalhães e disse que abriu um caminho, não sei qual seria, vamos ver.

Ontem, segunda-feira, logo depois de eu ter feito a minha natação, recebi no Alvorada o Eduardo Jorge.

Em seguida estive com o Luís Eduardo e com o Sérgio Motta. Balanço geral das coisas, verificação dos nomes dos deputados que estariam a favor da reeleição, os indecisos e os contra. Parece que temos uma maioria até razoável, por volta de 320 deputados. Fora disso discutimos a questão da Câmara e do Senado. Na Câmara parece a todos nós que a eleição do [Michel] Temer é a mais garantida e, no Senado,

Luís Eduardo está muito otimista com a eleição do Antônio Carlos. Procurei fazer ver a eles o seguinte: que eu não poderia me expor, nem o PSDB, antes da hora. Primeiro temos que assegurar a reeleição.

O Luís Eduardo sabe que, por causa dele basicamente, nós temos um compromisso forte com a candidatura do seu pai, e por causa do PFL também. Mas que eu não posso permitir que essa questão deixe o Iris irritado, porque o Iris tem sido um fiel cooperador, e sabe também o Luís Eduardo que o Sarney é o xis da questão, e o Sarney, isto eu não disse, mas penso, está jogando pelo Iris. O raciocínio é simples. Iris presidente, Sarney continua sendo uma espécie de ponte do governo federal com o Iris. Mesmo que desnecessária a ponte, ele saberá habilmente fazer com que o Iris crie algumas dificuldades para que ele possa depois negociá-las.

Antônio Carlos presidente, ninguém vai ser intermediário de ninguém, ele sozinho na cena e eu tendo de toureá-lo, e sei bem o que isso significa. Eu até disse isso ao Luís Eduardo, sem a expressão “toureá-lo”, mas que eu sabia que a relação seria direta e com as dificuldades que são contíguas. Mas isso não me preocupa maiormente. O Luís também sabe dessas coisas.

Mandei chamar o Temer, que me relatou uma conversa com o Paes de Andrade.* Este achava possível submeter à votação uma recomendação, sem fechar o caso, para que se dissesse aos deputados se deviam votar assim ou assado. Eu disse: “Olha aí, Michel, não vale a pena [uma votação decisória], porque mesmo que a gente ganhe, e nós ganharíamos a recomendação, um grupo vai perder”. Eu não disse a ele, mas o que eu penso é que o PMDB só se une em torno do nada. Se for para decidir alguma coisa, por mais tênue que seja, não haverá unidade alguma, e sim discursos desancando [a reeleição], o que a imprensa vai aproveitar.

O Temer me parece que encaixou, entendeu que essa é a situação.

Chamei o [Antônio] Kandir para discutirmos o avanço dos projetos do Brasil em Ação,** e também para ver com ele a questão da desburocratização*** e a situação na Câmara. Ele tem elementos para fazer crer ao João Leão,**** que é o verdadeiro inspirador, dentro do PSDB, da candidatura do Wilson Campos,***** que é melhor uma atitude mais branda. Tomara que o Kandir consiga isso. Essa gente tem muita reivindicação na Bahia. Ele e o [Mário] Negromonte,***** que eu conheço mal, todos, pelo que me dizem, são pessoas capazes de levar longe uma

* Deputado federal (PMDB-CE), presidente nacional do PMDB.

** Plano de metas econômicas lançado em agosto de 1996.

*** O governo preparava o lançamento de um programa de desregulamentação e desburocratização de serviços públicos.

**** Deputado federal (PSDB-BA).

***** Deputado federal (PSDB-PE).

***** Deputado federal (PSDB-BA).

querela para obter espaço. E eles têm até a justificativa de que lá na Bahia o espaço para eles é mínimo, é apertado.

Falei pelo telefone várias vezes com governadores, também com o Sérgio Motta, com os outros ministros, com o Paulo Renato [Souza], para retomar o pé das coisas.

Recebi o [Euclides] Scalco,* que me deu um panorama muito positivo do que anda acontecendo em Itaipu. Ele realmente está botando a casa em ordem, o que não é pouca coisa, e isso também como efeito do programa de estabilização, que ajudou muito a recuperação das finanças das empresas estatais.

Enfim, passei o dia inteiro no Planalto, avaliando as coisas.

Hoje de manhã recebi várias pessoas e, mais demoradamente, o Luís Carlos Santos.**

O governador do Acre, Orleir Cameli,*** me disse que dez dos onze [deputados] do Acre votam pela reeleição, e o governador do Amapá, que é do PSB,**** me disse que estava em Cuba, mas que cinco dos votos — que são os dele — ele assegura para a reeleição. Pareceu-me um pouco por fora do assunto, nem sabia a data da votação, mas é provável que votem mesmo.

Voltando ao Luís Carlos Santos. Ele teve uma longa conversa comigo hoje, mais de uma hora, fazendo sua avaliação; voltou dos Estados Unidos e disse que o Maluf tentou falar com ele. Está vendo as coisas da seguinte maneira. Primeiro, com sua visão objetiva e fria, disse: “Não adianta a gente botar o carro adiante dos bois”. Eu respondi: “Eu sei que você poderia ter sido o candidato a presidente da Câmara, que o caminho era esse”. Resposta: “Eu sei, mas não adianta a gente ficar pensando nisso, porque não é possível”.

No fundo ele ainda pensa que talvez dê uma confusão mais adiante, depois de decidida a parada da reeleição. E acha o seguinte: que o Antônio Carlos atrapalhou a ele e ao Luís Eduardo. Ele ficou imobilizado depois que o Gilberto Miranda saiu do PMDB para ir para o PFL, apoiando o Antônio Carlos, isso já faz dois meses, o que foi uma precipitação. Dadas as ligações do Luís Carlos com o Gilberto Miranda, ele ficou como que marcado no PMDB como homem do Antônio Carlos. Então ele não pode mais atuar no PMDB.

Por outro lado, isto o Luís Carlos não me disse, ele perdeu a chance de ser presidente da Câmara porque o Luís Eduardo apoiou o Temer. Ele acha que o Antônio Carlos prejudicou muito o Luís Eduardo, a ele e a mim, por ter sido tão precipitadamente candidato, sem combinar. Como consequência, o Luís Eduardo saiu da

* Diretor-geral da Itaipu Binacional.

** Recém-nomeado ministro da Coordenação Política, ex-líder do governo na Câmara e deputado federal licenciado (PMDB-SP).

*** Sem partido, eleito pelo PPR (incorporado pelo PPB em 1995).

**** João Capiberibe.

jogada política para o governo; ele, o Luís Carlos Santos, está paralisado; e eu tendo que engolir o Antônio Carlos.

Segundo o Luís Carlos, ninguém quer o Antônio Carlos. Nem o PFL, o que eu já registrei aqui. Não obstante, acha que isso é mais ou menos inevitável no momento. Vê-se que o Luís Carlos Santos ainda pensa que, depois da votação da reeleição, talvez seja possível mudar as pedras do jogo. Essa análise não discrepa muito do que já se sabe a respeito de um lance realmente precipitado do Antônio Carlos, que fez o que sempre faz: por voluntarismo avançou o sinal e o filho ficou atropelado, todos nós atropelados, e ele vai em frente como se fosse um cisne branco.

Luís Carlos também me disse o que acha do Sarney, aquela história de sempre. Sarney é candidato à Presidência da República se o cavalo passar perto dele. Se não passar, aí fica a reeleição, que já garante a Roseana. Ele acha também que o Sarney vai apoiar mais o Iris do que o Antônio Carlos. Não obstante, num dos telefonemas de hoje com o Sérgio Motta, este me disse que o Antônio Carlos está convencido de que o Sarney está com ele, já lhe passou até tarefas e pedidos como futuro presidente do Senado. Isso, penso eu, não garante nada, o Sarney, de todos, é o mais hábil para alcançar seus objetivos sem que se perceba, ou quem sabe ele tenha muitos objetivos ao mesmo tempo e seja mais um tático do que um estrategista hábil. Quem vai saber disso? É difícil! É difícil! Quem sabe é quem tem uma convivência de outra índole com o Sarney, e eu não tenho.

Isso posto, quero registrar que ontem o senador [Esperidião] Amin me telefonou para relatar uma conversa que teve com o Maluf. Eu tinha dito a ele que quem sabe com um referendun, ou com um plebiscito, o Maluf topasse não entrar nessa briga cruenta. Ele me perguntou se eu mantinha essa posição. Eu disse: "Olha, Amin, a coisa agora piorou, porque o Maluf tem sido mais ofensivo, até quase grosseiro comigo". "Não, não é bem assim", ele disse.

Isso não significa que eu não queira evitar desgastes desnecessários. Eu pensava falar com ele, olho no olho, só nós dois. Agora, levar um recado ao Delfim, que passou a ser o procurador do Maluf aqui em Brasília, não tem o mesmo efeito. Ele concordou comigo e disse que iria falar com o Maluf no limite da prudência, sem dizer [textualmente] que eu propunha algo naquele sentido, apenas dando a entender. Eu disse: "Está bem, mas não se esqueça de que eu não conversei sobre esse assunto com ninguém, nem com PFL, nem com PSDB, nem com PMDB, então você tem que ir com muito cuidado". [Ele me garantiu] que saberia conduzir a situação e pediu que eu falasse com o Delfim, que vai junto com ele [ao Maluf].

Hoje telefonei para o Delfim, que disse saber que o Amin planejava procurar o Maluf junto com ele para tentarem evitar uma carnificina inútil. Uma resistência sem sentido do Maluf. Delfim sempre eufórico, reafirmando que não tem problema nenhum, que vai dar uma palavra com o Maluf. Não sei o que fará.

O certo é que o Delfim, nesses episódios, tira casquinha de todos os lados, ele não tem compromisso objetivo nem com uma coisa nem com outra, e sempre preserva a relação pessoal. Ele até me disse pelo telefone que eu sempre fui gentil com ele, o que é verdade. Mas em termos políticos a coisa é diferente. Não sei que imbróglio vai sair disso, mas de qualquer maneira sou da opinião de que sempre que seja possível evitar confusões maiores, é melhor evitá-las. No mínimo o Amin ficou com mais um elemento para se tornar mais independente do Maluf, se o Maluf insistir no caminho do enfrentamento. Ele poderá dizer ao partido e a todo mundo que tentou, que eu tentei e que o Maluf é quem está intransigente.

Hoje falei pelo telefone com Gérard Lebrun, por causa dessa infâmia nos jornais de que ele seria pedófilo. Ele ficou emocionado, não imaginou que o presidente da República, embora tivesse com ele uma amizade antiga — mas não muito próxima —, fosse telefonar. Depois a Ruth também falou com ele, estava realmente bastante emocionado e muito amargurado. Disse à Ruth que agora entende por que a imprensa pode levar alguém ao suicídio, mas garantiu que jamais faria isso. Achei que era meu dever prestar solidariedade.

Vou falar com [José Arthur] Giannotti, que vem para cá hoje. Também com esse tal de Paulo qualquer coisa, Paulo Arantes, que escreveu um artigo infame, um dicionário,* mexendo com o Giannotti, comigo, com o Celso Lafer, com todo mundo, mas de mau gosto, pedante, essa coisa estéril dessa gente que fica só num pequeno círculo imaginando que a partir de palavras de espírito, *des mots d'esprit*, é capaz de mudar o mundo. Um certo pedantismo que eu suporto cada vez com maior dificuldade. O artigo é ilegível, a Ruth me chamou a atenção, tentei ler. Nem li.

Em contrapartida, li hoje na *Folha* um artigo do [Arnaldo] Jabor muito interessante a meu respeito,** minhas reflexões na ilha de Fernando de Noronha, com um espírito fantasticamente inteligente, vivo, imaginoso. Sem esconder suas dúvidas reais, as críticas eventuais, mas com muita graça, com muito talento. Isso, sim, é gente que pensa, gente que se expõe, não é como esses grã-finos do marxismo, tipo Paulo Arantes.

Roberto Schwarz, que de vida prática não entende nada, também parece um bolsista; é verdade que é um homem de talento, mas o talento não justifica uma atitude inerte diante das transformações do mundo, tentando ver se é possível contê-las em algum esquema teórico já perempto. Faltam forças para superar os esquemas, embora tenha talento, eu reconheço, e gosto dele. Pelo menos Roberto não faz esse tipo de espinafração narcísica como esse tal Paulo Arantes, com cuja cara eu nunca fui.

HOJE É 9 DE JANEIRO, quinta-feira, são dez horas da manhã. Relatarei brevemente o que aconteceu ontem, quarta-feira 8 de janeiro.

* “Dicionário de bolso do Almanaque Philosophico Zero à Esquerda.”

** “Presidente sofre com as dúvidas do ano novo.”

Despachos normais. Falei com o Luís Carlos Santos.

Recebi o deputado [Germano] Rigotto,* que foi um bom líder, me ajudou muito. Cerimônia de sanção da lei dos transportes aquaviários, que é uma coisa importante, um negócio de cabotagem, depois vim para cá.

* PMDB-RS, ex-líder do governo na Câmara.